

Não acredita!
corpo e que só pode ser expurgado por este fogo sensual! Ao fogo da investida fállica do homem ela pôde alcançar o coração da floresta do seu ser. Constance sentiu que atingiu o embasamento de rocha de si mesma, e que essencialmente a vergonha não existe. Tornou-se ela mesma quando se libertou da vergonha. Oh! Era então assim? A vida, a vida! Era assim que ela realmente era! Nada ficou de disfarce, nada de que se envergonhasse. Constance compartilhou com outro ser a sua mais íntima, a sua última nudez.

E que demônio, esse homem. A mulher tinha de ser forte para agüentá-lo. Mas era difícil alcançar o coração da floresta do ser, os recessos mais íntimos onde se esconde a vergonha orgânica. Só o falo podia chegar até lá. E como ele o tinha levado longe dentro dela!

Nos instantes de medo, ela repelira com ódio aquilo, e como na realidade o desejava! Agora sabia, compreendia tudo. É que no fundo sua alma sempre ansiara por essa investida fállica, mas secretamente e sem esperança de a ver realizada. Subitamente agora tivera tudo e com ela estava um homem compartilhando a sua nudez íntima, a morte da vergonha orgânica.

Que mentirosos os poetas e toda a gente! Fazem-nos crer que só precisamos de sentimentos. Mas na realidade o que imperiosamente precisamos é dessa penetrante, ardentíssima e terrível sensualidade. Oh! encontrar um homem que ouse chegar até lá, sem vergonha, sem pecado, sem remorso. Se ele houvesse mostrado vergonha depois, e com isso também suscitasse nela a vergonha de horror! Que pena serem os homens em geral tão suscetíveis à vergonha, como Clifford! E mesmo como Michaelis! Sensualmente, eram Clifford e Michaelis dois humilhados, como cães. O tal supremo prazer do espírito! Mas que vale para a mulher e mesmo para o homem? Apenas torna o homem confuso e canino, mesmo no espírito. Para purificar o espírito era necessária essa ardente sensualidade, ousada, selvagem.

Ah! Deus, que coisa rara um verdadeiro homem! A maioria não passa de cães que trotam, farejam e copulam. Um verdadeiro homem, livre do medo da vergonha! Constance olhava para Mellors adormecido — a dormir como um animal selvagem dorme, perdido, desaparecido no afastamen-

que parecia não acreditar!
to do sono. E aninhou-se ao lado como para tê-lo menos longe de si.

Quando o homem acordou, ela, que também dormira, acordou também. Viu-o sentado na cama, a olhá-la, e viu a sua própria nudez refletida nos olhos dele. O fluido do conhecimento que ele macho tinha do seu corpo parecia fluir dos seus olhos para ela. Oh! A volúpia era estar assim com os membros, e o corpo semi-adormecido e ainda pesado do temporal da paixão!

— É tempo de levantar-nos? Constance perguntou.

— Seis e meia.

Ela tinha de estar na estrada, à espera de Hilda, às oito. Oh! Sempre, sempre aquela escravização aos outros!

— Vou preparar o "breakfast" e trazê-lo aqui, quer? disse Mellors.

Flossie gania embaixo. Mellors ergueu-se, despiu o pijama e esfregou o corpo com uma toalha. Quando o ser humano revela-se pleno de coragem e vida, que belo é! pensava Constance sem nada dizer.

— Quer que abra a janela?

O sol brilhava sobre a humilde folhagem lá fora. Constance sentou-se na cama e inclinada, com os braços comprindo os seios de modo a juntá-los, olhou sonhadoramente aquele pedaço de paisagem. Vestiu-se. Seu coração entressonhava uma vida junto com ele: uma vida apenas.

Mellors ia saindo, como a fugir da perigosa e ameaçadora nudez da mulher.

— Onde está minha camisa? disse ela, procurando — e ele apanhou ao pé da cama um trapo de seda, dizendo: "Meus pés haviam sentido a seda lá."

Mas a camisa estava aberta ao meio.

— Não importa, disse Constance. Vou deixá-la aqui.

— Sim, deixe-a. Eu dormirei com ela entre as pernas; far-me-á companhia durante sua ausência. Tem nome ou marca?

Pela janela o ar da manhã entrava rico de gorjeios. Os olhos todo sonhos de Constance demoravam-se na paisagem de contínuo riscada de vôos de pássaros. Flossie — viu Flossie lá fora. Um dia novo...